

DARREL ADDISON POSEY (1947-2001)¹

WILLIAM BALLÈE
Tulane University

Tradução do inglês:
Ronald Clay dos Santos Ericeira*

Darrell Posey morreu de câncer em 6 de março de 2001 em Oxford, Inglaterra. Ele se notabilizou em vários meios eruditos, indígenas e ativistas. Sua atuação profissional estendeu-se das aldeias caiapós nos cerrados do Brasil Central às reuniões de colegas e de produtores de políticas nos seis continentes. Ele viajou muito durante sua vida relativamente curta de cinquenta e três anos. Seu círculo de amigos, colegas, e conhecidos, era extraordinário tanto no seu escopo profissional e geográfico quanto em seu tamanho e variedade. Para analistas de redes sociológicas, Posey representaria sem dúvida um elo da maior significância, conectado na rede mundial, com proporções demográficas, extensão geográfica e profundidade profissional nada desprezíveis. Alguém poderia dizer que ele era pré-adaptado para a Idade da Globalização, na qual nós vivemos agora. Então, seria conveniente perguntar: quem era Darrell Posey? Por que ele adquiriu tanta notoriedade e destaque na rede mundial no curso de sua vida? Qual é o seu relevante legado, especialmente para a Antropologia, e, ainda mais especificamente, para a Antropologia que é ensinada e praticada no Brasil?

Diversas pessoas argumentariam que Posey era um ecologista, botânico, ou etnobiólogo, mas não verdadeiramente um antropólogo. Alguns consideram que ele tenha sido tanto um antropólogo quanto um entomologista. (ELLEN, 2002.p.245). Para muitos que o conheceram na fase final de sua vida, ele era um ativista principalmente sobre direitos de propriedade intelectual e suas aplicações para o conhecimento indígena. Há um pouco de verdade em todos esses ângulos de classificação do profissional Posey. Nesse sentido, a carreira de Posey parece ser curiosamente paralela àquela de Darcy Ribeiro, cujas pegadas em antropologia *per se* tem sido o tema de alguns debates entre aqueles que conheceram tanto a ele quanto ao seu trabalho, e outros alegando que ele esteve uma vez na Antropologia, mas logo a deixou por novas pretensões, tal como a Política¹.

Psicólogo e Mestre em Ciências Sociais-UFMA

Se entretanto, verificássemos sua documentação, Posey inegavelmente reunia os requisitos exigidos para um especialista em Antropologia. Nasceu no Kentucky, USA, Posey obteve um Ph.d em Antropologia na Universidade da Geórgia em 1979. Seus primeiros graus foram um bacharelado em Entomologia (1970) e um mestrado em Geografia e Antropologia (1974), ambos recebidos na Louisiana State University em Baton Rouge. Na Louisiana State University, Posey esteve sob a tutela do antropólogo social Miles Richardson (que casualmente foi o primeiro Ph.d em Antropologia da Tulane University). Richardson foi provavelmente a mais importante influência antropológica na carreira de Posey, embora tenha se graduado em Antropologia na Geórgia, onde ele trabalhou mais proximamente com entomologistas.

Posey esteve à margem do establishment² da Antropologia acadêmica, não só no Brasil, como no exterior; os compromissos profissionais que ele cumpriu, tanto no Brasil como mais tarde na Inglaterra, foram interdisciplinares. Isso parece ter sido a escolha que ele fez logo cedo em sua carreira, mais do que o resultado de circunstâncias sobre ele impostas. Em seu trabalho sobre os caiapó, Posey colaborou muitas vezes com cientistas naturais, incluindo dois botânicos, dois geógrafos, um farmacologista, um cientista de solos, um geneticista, um mamologista, um entomologista, um ornitologista, um astrônomo, e outros. Quando pela primeira vez eu encontrei Posey, no Primeiro Simpósio do Trópico Úmido, que foi patrocinado pela Embrapa no Belém Hilton, em Outubro de 1984, ele me contou que concebia a si mesmo como um etnobiólogo que, naquele tempo, era uma profissão relativamente obscura, conquanto em grande parte se agradeça a Posey, pois se tornou mais elegante para alguém se identificar como tal hoje em dia. Nesse período, ele estava começando a adquirir um conjunto internacional de leitores; e seu trabalho, na etnoentomologia caiapó (o assunto de sua dissertação de Ph.d) e práticas agroflorestais, estava começando a intrigar cientistas em múltiplos campos. Brent Berlin (2002, p.14) observou que a prática da etnobiologia hoje é a “etnobiologia da visão de Posey”. Esta visão era sobretudo interdisciplinar. Em outros encontros que tive com Posey em Washington, D.C, em Novembro de 1985, quando nós éramos co-organizadores de uma sessão da Associação Americana de Antropologia que posteriormente se tornou um livro (Posey e Ballée, 1989), Posey mostrou que ele não desejaria seguir uma carreira docente em Antropologia, mas preferiu estar em uma posição de pesquisa interdisciplinar de seu próprio projeto. Ele certamente conseguiu este objetivo, tanto no Brasil como mais tarde na Inglaterra.

No período em que conheci Posey, ele era o Diretor do Laboratório de Etnobiologia da Universidade Federal do Maranhão, e estava trabalhando sob a orientação do conceituado biólogo e geneticista, Dr Warwick Kerr. Foram colegas como Kerr – e outros cientistas naturais trabalhando nos trópicos, tais como os botânicos Ghilleen Prance do Jardim Botânico de Nova York e S.K Jain

do Jardim Botânico Nacional da Índia – que primeiro gravitaram para o trabalho de Posey e pareciam fascinados pela sua pessoa. Na verdade, Posey era um *bon vivant* que deixou uma impressão memorável em praticamente todos aqueles que o conheceram. Ele também foi um excelente orador não só em inglês, como em português, que falava com sotaque e era aplaudido por platéias de ambas as línguas. Embora, Posey não fosse engajado tempo integral como professor, ele dava cursos de curta duração de tempos em tempos, e teve influência marcante sobre diversos cientistas naturais brasileiros com quem esteve em contato. Proeminente entre estes está o ictiologista tornado etno-ictiologista Dr. José Geraldo Marques, que publicou significativos textos em etnobiologia que revelaram perícia e insights antropológicos consideráveis³.

Em 1987, Posey aceitou sua nomeação como Diretor do Programa em Etnobiologia do Museu Goeldi em Belém. Naquele mesmo ano, ele esteve envolvido em um estudo sobre impacto ambiental financiado pela Eletronorte, envolvendo populações indígenas na área de influência do Projeto da Hidrelétrica do Xingu. Logo no início, em algum ponto da consultoria, Posey discordou da administração na Eletronorte, e o resto, como dizem, é história. Ele e dois índios líderes caiapós denunciaram o projeto da represa no escritório do Presidente do Banco Mundial em Washington, D.C. Como resultado, juntamente com a publicidade negativa que o acontecimento atraiu, o Banco Mundial suspendeu o pagamento de fundos de que a Eletronorte estava precisando para levar o projeto da represa avante. Ao retornar ao Brasil, Posey e os dois índios foram presos e suas impressões digitais tomadas sob a acusação de prejudicar a reputação do Brasil lá fora. Logo solto sob custódia e aguardando julgamento pelas acusações, Posey continuou a organizar o Primeiro Congresso Internacional de Etnobiologia que se realizou em julho de 1988, novamente no Belém Hilton. Foi um encontro surpreendente que contou com a participação de centenas de estudiosos em numerosos campos de trinta e cinco países. Este Congresso resultou em dois volumes editados sobre etnobiologia publicado pelo Museu Goeldi. A Declaração de Belém de 1988, que apelava para a proteção do conhecimento indígena, usos, e manejos de recursos biológicos assim como os direitos humanos dos povos indígenas foram, do mesmo modo, um dos importantes resultados desse congresso.

Essa Declaração precedeu a convenção sobre Diversidade Biológica no Earth Summit no Rio em 1992, na qual Posey também desempenhou um importante papel. (BERLIN, 2002. p, 14). Enquanto Posey gozava de grande prestígio entre seus colegas internacionais, as acusações contra ele e os dois líderes caiapós foram discretamente esquecidas. Em 1989, Posey foi condecorado com o Prêmio Chico Mendes pela ‘extraordinária coragem em defesa da natureza’ pelo Sierra Club, e em 1993 ele foi homenageado com o Prêmio Global 500 das Nações Unidas pelas relevantes realizações em favor do meio-ambien-

te. Claramente após 1988, Posey passou a ser um ativista compromissado, se é que não o tenha sido antes.

Posey fundou uma ONG, em 1988, chamada Instituto de Etnobiologia da Amazônia, em Belém; parte do enfoque aplicado pela ONG era em educação ambiental. Ele eventualmente deixou vago seu cargo no Museu Goeldi e se tornou Sócio Sênior Associado em Oxford em 1992, onde permaneceu em um posto e outro até a sua morte. Daquele período, o público e o trabalho profissional de Posey eram originalmente dirigidos para a promoção dos direitos de propriedades intelectuais dos povos indígenas enquanto simultaneamente opunha-se às ameaças a esses direitos, que ele percebia como sendo emanados de farmacêuticos internacionais ou de outros interesses comerciais. Ele também desafiava os antropólogos a assumirem um papel mais ativo e protecionista em seus trabalhos com povos indígenas, especialmente quando concernente a seus manejos do conhecimento indígena.

Em 1992, Eugene Parker, um geógrafo que fora um dos colaboradores de Posey no trabalho Caiapó, publicou uma crítica prejudicial ao trabalho de Posey com os Caiapós. Em especial, questionou os achados de Posey concernentes às ilhas de floresta (“apetê” em Caiapó) que pontilhavam *as paisagens dos cerrados*. Posey tinha argumentado em várias publicações muito citadas que as árvores das *apêtê* teriam sido deliberadamente plantadas pelos Caiapós. Em sua visão, os caiapós não eram somente os guardiães da floresta, mas eles a teriam criado. Parker contestava que as *apêtê* eram fenômenos que ocorriam naturalmente e que os métodos de Posey em determiná-las que elas tinham sido plantadas por humanos eram defeituosos, descuidados, e mal-executados. Posey respondeu concisamente às acusações de Parker também nas páginas do mesmo jornal, alegando principalmente que Parker não falava caiapó e, portanto, ele não poderia ter encontrado evidências necessárias para refutar as conclusões de Posey sobre a eficácia da prática e do conhecimento indígenas influenciando o terreno. Parece presumível que a questão dos impactos antropogenéticos sobre as ilhas de floresta no habitat Caiapó e provavelmente em outras áreas do cerrado e do campo, demandará mais algum tempo para acontecer. Muitas das mais importantes contribuições acadêmicas de Posey para a etnobiologia caiapó e manejo de recursos foram reimpressas postumamente em um excelente volume. (POSEY, 2002).

Darrell Posey foi uma figura única tanto na Antropologia como na Etnobiologia. Treinado como antropólogo, sua pesquisa enfocou estudos do encontro entre os índios Caiapós e a flora e a fauna de seu habitat Cerrado. Suas contribuições pioneiras focalizavam como eles reconheciam e classificavam os insetos; como eles cultivavam; e como eles puderam ter influenciado e mesmo criado as florestas do habitat deles. Ele foi um ativista que encontrou um nicho, argumentando que o conhecimento indígena sobre recursos naturais merecia

não apenas preservação, mas proteção legal através de leis de direitos de propriedade intelectual. Ele também se reuniu com estudiosos do mundo inteiro em vários lugares dedicados à etnobiologia, ao conhecimento indígena, à proteção do conhecimento indígena e de seus possuidores. Ele será mais lembrado por seus escritos em Etnobiologia, e por sua destreza organizacional. Em especial, sua contribuição original para a Etnoentomologia, um campo que consistia de pouquíssimas pessoas antes dele, será provavelmente apreciada por muitos anos ainda. Seu trabalho sobre o manejo indígena de plantas continua a ser influente, contudo questões investigativas essenciais sobre as origens das apêtes permanecem ainda não resolvidas. Suas contribuições para uma Etnobiologia aplicada serão sem dúvida de longa duração. No mínimo, duas sociedades acadêmicas existentes devem muito a ele. Essas são a Sociedade Internacional de Etnobiologia, assim como a Sociedade Brasileira de Entobiologia e Etnoecologia (SBEE). Pode ser razoavelmente dito que Posey, mais do que qualquer outro, introduziu a Etnobiologia no Brasil. O trabalho de Posey ainda não é leitura clássica na Antropologia ecológica norte-americana, e isto pode ser por causa de seu viés evolucionário, embora os trabalhos de Posey sejam freqüentemente designados em cursos de Antropologia que lidam com a Amazônia e a Entobiologia. Seu trabalho se tornará provavelmente ainda mais familiar para estudantes norte-americanos e europeus de Antropologia agora que vários ensaios, anteriormente separados, foram reunidos em um único volume. (POSEY, 2002). Relativamente poucos antropólogos brasileiros até a data são membros da SBEE, que, com poucas exceções, a maioria das vezes consiste de agrônomos, botânicos, zoólogos e farmacologistas. Em contraste, o maior número de etnobiologistas norte-americanos e europeus (com notadas exceções) são, paradoxalmente, treinados em Antropologia. Provavelmente, não muitos mais antropólogos brasileiros considerariam ser eles mesmos etnobiólogos, antropólogos ecológicos, ou antropólogos ambientais. Esses campos não dispunham de raízes firmes na Antropologia brasileira. Por outro lado, etnobiologia e campos relacionados deveriam ser mais pensados no Brasil, espera-se entretanto, que estudantes da Antropologia brasileira do futuro tornem-se crescentemente familiares com o trabalho de Darrell Posey.

Notas

¹ Transcrito do Anuário Antropológico/200/2001. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2002, p. 343-348.

² Sobre essa discussão ver em Vidal e Barretto Filho, 1997, p. 159.

³ Termo mantido em sua versão original devido a sua carga semântica em língua inglesa.

⁴ Em particular, ver Marques, 2001.

⁵ Ver Ballé, 2000 e 2003, para ulteriores considerações da controvérsia apête.

REFERÊNCIAS

- BALLÉE, William;. Entnobotica: Darrell Addison Posey, 1947-200. **Journal of Ethnobiology**, [s.l],v.20, n.2, p.4-6, 2000.
- Native views of the environment in Amazonia. In: SELIN, Helaine. (Ed.) **Nature across cultures: views of nature and the environment in non-western cultures**. Manchester, U.K: Kluwerb Academic Publishers, 203. p.277-288.
- BERLIN, Brett Foreword. In: POSEY, Darrell A; PLENDERLEITH, Kristina (Ed). **Kayapó ethnoecology and culture**. London: Routledge. 2002. p.14-16.
- ELLEN, Roy. Déjà vu, all over again, again. In: SILLITOE, Paul; BICKER, Alan; POTTIER, Johan (Eds). **Participating in development: Approaches to indigineous Knowledge**. New York: Rouledge, 2002. p. 235-258.
- MARQUES, José Geraldo. **Pescando pescadores: ciência e etnociência em uma perspectiva ecológica**. São Paulo: NUPAUB-USP, 2001.
- POSEY, Darrell Addison. In: PLENDERLEITH, Kristina (Ed). **Kayapó ethnoecology and culture**. London: Routledge, 2002.
- ; BALLÉE, Williams. (Eds). Resource management in Amazonia: Indigenous and folk strategies. **Advances in Economic Botany**. Bronx, NY: New York Botanical Garden, v.7, [19--].
- VIDAL, Lux; BARRETO FILHO, Henyo. O elo perdido. **Anuário Antropológico**, v. 96, 1977. p.159-188,